

# Depois daquela viagem



Valéria Piassa Polizzi

## Manual do Professor

Apesar de serem sinônimas, as palavras “leitor” e “ledor” têm significados diferentes. Leitor é aquele lê; ledor é quem compreende o que lê. A ideia é que todos podem se transformar em ledores, mas, para que isso aconteça, é necessário desenvolver antes o gosto pela leitura. Por isso, professor, procure fazer da sala de aula um espaço confortável, bem iluminado, arejado e propício ao desenvolvimento desse hábito, que aos poucos, com sua mediação, poderá se transformar em uma atividade prazerosa. Uma disposição diferente das carteiras, por exemplo, já muda o cenário. Ou, ainda, sugerir aos alunos que ocupem outros espaços: a biblioteca da escola, se houver uma; um local arborizado do pátio; enfim, um lugar diferente, inusitado, onde seja possível associar a leitura a um momento agradável, e não a uma obrigação tediosa e desprovida de sentido.

A leitura do livro **Depois daquela viagem** pode ser de grande valia para que o jovem leitor questione sua postura e se conscientize de sua vulnerabilidade, já que se trata do depoimento real de uma jovem da mesma faixa etária do leitor, com quem ele certamente vai se identificar, e também por ser o relato de um dos primeiros casos registrados de contaminação de uma jovem no Brasil. Escrito na mesma linguagem do leitor e apresentando contextos que lhe são familiares, essa obra aborda, ainda, questões de insegurança relacionadas às primeiras experiências sexuais dos jovens, alertando-os para as consequências, muitas vezes irreversíveis, das próprias ações.

Nesse contexto, a leitura desta obra pode contribuir, ainda, para a formação crítica dos jovens do Ensino Médio, auxiliando-os a se tornarem autônomos e aptos a compreender melhor fenômenos naturais e culturais, bem como a tomar decisões responsáveis e fundamentadas, conforme preconiza o inciso III do artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade:

[...]

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico [...].

SENADO FEDERAL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2018. p. 24.

**Depois daquela viagem** é uma proposta que atrai os jovens, pois apresenta uma complexa trama de assuntos atuais, integrados às áreas de Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o que vai ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, as quais têm pressupostos e fundamentos para um Ensino Médio de qualidade social, como: Trabalho, ciência, tecnologia e cultura: dimensões da formação humana; Trabalho como princípio educativo; Pesquisa como princípio pedagógico; Direitos humanos como princípio norteador. Ainda, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

As escolas de Ensino Médio deverão inserir no seu projeto político-pedagógico temas para debate [...]. Também deverão inserir debates, estudos e discussões sobre sexualidade, relações de gênero, diversidade sexual e religiosa, superação do racismo, da discriminação e do preconceito racial. (p. 431)

É fundamental, no entanto, que, além de o aluno do Ensino Médio ter a oportunidade de desenvolver o espírito crítico e analítico por meio da leitura, bem como o acesso a essa problematização acerca da própria vulnerabilidade, ele possa contar com você, professor, como mediador da leitura, para ajudá-lo a reconhecê-la. Para isso, é muito importante que você também seja um leitor, um exemplo real para o aluno que o observa e o toma como modelo. O entusiasmo do jovem pela leitura depende também do entusiasmo do professor-leitor, que só assim saberá conduzir uma mediação adequada.

# ANTES DE LER O LIVRO

Valéria Piassa Polizzi nasceu em 1971, em São Paulo (SP). Além de **Depois daquela viagem**, ela escreveu mais dois livros de crônicas e também foi colunista de uma revista. Formou-se em jornalismo em 2007. Atualmente escreve e dá palestras.

**Depois daquela viagem** é uma viagem e tanto! Considerada a primeira autobiografia publicada no Brasil cujo tema central é a Aids, expõe, sem meias palavras e na linguagem coloquial típica da geração da autora Valéria Piassa Polizzi, os conflitos, os preconceitos, as frustrações, as expectativas e as perspectivas de alguém que, por descuido, insegurança e desinformação, acabou se infectando, em sua primeira experiência sexual, com o HIV, o vírus transmissor da Aids. Na forma de diário, a jovem autora registra sua trajetória de maneira crítica e independente, valendo-se da narrativa em primeira pessoa para relatar seus anseios e angústias numa época em que não se falava na Aids nem se sabia bem como ela era transmitida. A falta de informação e estudos científicos mais aprofundados na época, aliada à vulnerabilidade dos jovens, foi um dos estopins para a proliferação do vírus.

Infelizmente isso ainda acontece nos dias atuais, especialmente entre os jovens, apesar da abundância de informações, de campanhas públicas de conscientização e combate à doença, e de muitos estudos referentes à contaminação com o HIV. De acordo com o Ministério da Saúde:

Entre os homens, nos últimos dez anos, observou-se um **incremento da taxa de detecção** [de Aids (/100 mil hab.) segundo faixa etária e sexo, no Brasil, entre 2006 e 2016] **entre aqueles de 15 a 19 anos**, 20 a 24 anos, 25 a 29 anos e 60 anos e mais. **Destaca-se o aumento em jovens de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos: do ano de 2006 para o de 2016, a taxa quase triplicou entre o primeiro grupo** e, entre os de 20 a 24 anos, a taxa mais que duplicou. [...]

Entre as mulheres, verifica-se que nos últimos dez anos a taxa de detecção vem apresentando uma tendência de queda em quase todas as faixas etárias, **exceto entre as de 15 a 19 e 60 anos e mais: nestas, foram observados aumentos de 13,9% entre as mais jovens** e de 14,3% entre as de maior faixa de idade, quando comparados aos anos de 2006 e 2016. [grifos nossos]

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim epidemiológico HIV/Aids 2017*, ano V, n. 1, jan.-jun. 2017. p. 12-13. Disponível em: <[www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017](http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

Por tratar de questões da realidade brasileira contemporânea que afetam o cotidiano da população jovem, essa obra é propícia para o trabalho com o tema A vulnerabilidade dos jovens.

Antes da leitura da obra, proponha um bate-papo com os alunos sobre a temática do livro. Que conhecimentos eles têm a respeito de doenças sexualmente transmissíveis? Elas fazem parte do universo de preocupações deles? Mencione as estatísticas sobre a contaminação de Aids em jovens citadas anteriormente.

## Motivação para a leitura

Proponha aos alunos que formulem hipóteses acerca da obra em questão. Apresente o livro e sonde as expectativas deles. Procure criar um ambiente favorável e receptivo à leitura. Comente a importância dos livros na vida das pessoas, não apenas como fonte de aprendizado indireto, mas também como possibilidade de ativar a imaginação, promover novas associações de ideias e desenvolver a capacidade de empatia, ou seja, de se colocar no lugar do outro e imaginar como ele se sente, reage e se comporta. Isso sem falar na fruição literária propriamente dita, que envolve a capacidade do escritor de estimular a imaginação do leitor, de expressar ideias e sentimentos que impactem seu modo de ser e sua visão de mundo, usando ao mesmo tempo a língua de forma criativa, inusitada, própria.

Depois que os alunos estiverem com os livros em mãos, veja alguns aspectos que podem ser trabalhados para motivar a leitura:

1. Pergunte aos alunos o que o título **Depois daquela viagem** sugere. Combine que, após a leitura, vocês vão comparar juntos o que foi imaginado e o que a história realmente aborda.
2. Permita aos alunos que manuseiem livremente o livro, folheando-o, para se familiarizarem com ele. Proponha-lhes que observem a capa e a foto da autora. Não se esqueça de orientá-los sobre os cuidados a serem tomados para a conservação do exemplar, pois ele poderá ser aproveitado por outros alunos.
3. Para instigar a curiosidade dos alunos, leia para eles o texto da quarta capa.
4. Pesquise sobre a autora Valéria Piassa Polizzi. Sua familiaridade com a autora facilitará seu trabalho de mediação entre os educandos e o universo da obra. No final do livro há um depoimento atualizado da autora, com fotos, informações sobre sua vida pessoal e profissional, bem como menção à grande repercussão da obra no Brasil e em outros países. Utilize esse texto para questionar o preconceito ainda existente contra os soropositivos (a obra foi escrita há 20 anos, e a autora continua viva e ativa, o que pode parecer estranho ao imaginário dos alunos, que logo associam o portador de HIV com alguém a quem resta pouco tempo de vida).
5. Peça aos alunos que pesquisem um pouco mais sobre a autora. Uma boa fonte de consulta é o *blog* da própria escritora: <<http://valeripiassapolizzi.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

## DEPOIS DA LEITURA

---

### O texto e o contexto

Agora que o texto já foi lido, contextualize a história, isto é, esclareça todas as dúvidas dos alunos, confirmando ou não as hipóteses levantadas por eles antes da leitura. Peça a todos que manifestem a própria opinião acerca da história lida.

Lembre-se de que alguns alunos podem ser mais tímidos e necessitar de um estímulo maior para “quebrar o gelo” e dar início às considerações pessoais. Não deixe que o silêncio ou um clima de apatia diante da obra perca por muito tempo, mas instigue-os ao máximo, provoque-os e chame a atenção para determinado ponto que possa atraí-los e movê-los ao debate. Uma sugestão para aquecimento é pedir a um aluno voluntário que leia em voz alta a curta dedicatória da obra (p. 4). Proponha em seguida uma discussão: “Que papel os amigos de Val desempenharam em sua vida?”; “Eles foram importantes para que ela lidasse melhor com sua condição?”; “O que significa ser amigo de alguém?”; “As amizades são importantes na vida de uma pessoa?”.

Outros tópicos que podem ser trabalhados em seguida:

1. O livro é uma espécie de diário de uma jovem que aprendeu a viver com o vírus da Aids. Trata-se, portanto, de uma autobiografia. Comente com os alunos a importância dessa obra, considerada no Brasil a primeira autobiografia de um portador do HIV. Pergunte-lhes o que pensam da exposição e da coragem da autora numa época em que falar sobre o assunto era (e ainda é) um tabu. Também questione como se sentem em relação à autora, que, em determinado momento, resolveu se abrir sobre sua condição. Se achar apropriado e a situação favorecer, amplie a discussão, pedindo aos alunos que recordem outras ocasiões em que pessoas ousaram se expor em relação a temas considerados tabu (homossexualidade, abuso sexual, uso de drogas, entre outros temas sujeitos a preconceito social). Pergunte-lhes: “Vocês fariam a mesma coisa que a autora (escrever uma autobiografia)?”.
2. Pergunte aos alunos o que a obra trouxe de contribuição para nossa sociedade. Espera-se que eles enfatizem sua importância como primeiro registro de contaminação do HIV por uma jovem do sexo feminino no Brasil e/ou que mencionem que a obra contribuiu para combater preconceitos relacionados aos portadores do HIV.
3. Comente com os alunos que se trata de uma obra literária. E o que caracteriza a obra literária? Em primeiro lugar, a forma, ou seja, a linguagem. A linguagem, na obra literária, não é um meio para alcançar um fim, como num texto expositivo; ela é o próprio fim. Da construção da forma fazem parte a escolha de palavras, a elaboração de frases, a evocação de imagens por meio de metáforas e outras figuras de linguagem, o ritmo narrativo, ou seja, todos os elementos que compõem o fazer literário do escritor e podem mobilizar a sensibilidade do leitor e levá-lo a se abrir para novas possibilidades de entendimento do ser humano e do mundo em que ele vive.
4. Pergunte aos alunos se já leram ou conhecem outras obras de cunho autobiográfico (podem ser citadas: *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank; *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai; *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva; *Diário de Zlata*, de Zlata Filipovic; *Minha vida de menina*, de Helena Morley).
5. Finalize esta etapa perguntando aos alunos o que eles acharam da obra. Deixe-os livres para fazer quaisquer considerações que desejarem.

## Interpretação do texto

É sabido que a interpretação de texto é um dos grandes desafios enfrentados pelos alunos. O aluno que adquire, desde os primeiros anos de vida escolar, boa capacidade de interpretação, com certeza se sairá bem em todas as disciplinas que encontrar pelo caminho, e não somente naquelas pertencentes à área de humanas, mas também naquelas relacionadas às áreas de exatas e biológicas. Quantas vezes ouvimos falar que determinado aluno não consegue resolver um problema matemático simplesmente porque não é capaz de interpretar adequadamente o enunciado da questão? Essa habilidade, que o aluno começa a adquirir nos anos iniciais, fará diferença em sua vida, incluindo nas tomadas de decisão nos mais diversos âmbitos.

Veja a seguir algumas possibilidades de atividades que visam a ampliação da compreensão leitora dos alunos:

1. “Qual é o tema central da obra e seus subtemas?” Converse sobre isso com os alunos.

Algumas possibilidades de resposta:

- a) Aids.
  - b) Desinformação a respeito da doença.
  - c) Políticas públicas de saúde.
  - d) Educação sexual.
  - e) Sexo seguro: prevenção das DST (doenças sexualmente transmissíveis); uso de preservativos dentro de seu prazo de validade; consultas médicas periódicas.
  - f) Dúvidas a respeito das formas de transmissão da doença (beijo na boca, aperto de mão, etc.).
  - g) Namoro.
  - h) Preconceito.
  - i) Depressão.
  - j) Suicídio.
  - k) Diversidade cultural.
  - l) Violência contra a mulher.
  - m) Uso de drogas.
  - n) Transfusão sanguínea.
  - o) Pais separados.
2. Pergunte aos alunos como a personagem Val contraiu o HIV. Espera-se que eles se lembrem de que isso aconteceu na primeira experiência sexual dela. Esse pode ser um momento para explorar a diferença entre ser soropositivo, ou seja, portador do HIV, e ter Aids, situação em que a doença já se manifestou.

3. Pergunte aos alunos como Val descobriu ser soropositiva. “Qual foi a reação dela?” (p. 25-26) Aproveite ainda para questioná-los:
  - “E se fossem vocês, como se sentiriam?”
  - “Como imaginam que reagiriam?”
  - “O que acham que fariam?”
4. Pergunte aos alunos por que o médico não estava convencido de que Val estivesse contaminada. “Que motivos ele apresentou?” Professor, lembre-se de que a doença, na época em que a personagem foi contaminada, era considerada uma doença de homossexuais. (p. 31)
5. Pergunte-lhes se Val, depois de saber que estava contaminada, relacionou-se sexualmente com mais alguém. Professor, cabe aqui um momento de reflexão. No final da obra, a autora conta que se casou. Peça a um aluno voluntário que leia essa parte em voz alta para que fique clara a associação entre atividade sexual e responsabilidade: mesmo portadora do HIV, a autora permaneceu casada por alguns anos com um marido que não tinha HIV, o que demonstra que eles se cuidavam para que o parceiro dela não se contaminasse.
6. Chame a atenção dos alunos para a autonegação de Val, presente em muitas situações na vida dos jovens (como no caso de jovens com depressão, que sofrem *bullying*, etc.). Pergunte-lhes:
  - “Por que Val fingia que não tinha a doença?”
  - “Será que isso ainda acontece nos dias atuais? Por quê?”

Pode-se, nesse momento, trabalhar a interdisciplinaridade com o professor de Biologia e/ou Sociologia. Seria interessante a participação de um psicólogo nessa discussão, caso a escola disponha de um.
7. A narradora tem uma visão crítica em relação ao médico que ministrou, no Brasil, um curso que ela frequentou. “Como esse médico se comportou?” (p. 45-47)
8. Naquela época, a desinformação com relação à transmissão da Aids era muito grande. Peça aos alunos que deem um exemplo dessa desinformação. (p. 56)
9. Na página 60, a amiga de Val, Lumpa, demonstra despreocupação total em relação ao uso de preservativos. Pergunte aos alunos o que acham da postura de Lumpa.
10. Pergunte-lhes qual era o projeto de vida de Val depois do curso de inglês. (p. 108-109) Se achar conveniente, converse com os alunos sobre a importância de viver o presente. Sabemos que muitas pessoas pensam demais no futuro e se esquecem de aproveitar o agora. Lembre-os de que um dos capítulos da obra se chama “*Carpe diem*”, expressão do latim que quer dizer “aproveite o dia”.



11. Pergunte aos alunos quais eram as recomendações para que um paciente soropositivo tivesse boa qualidade de vida. (p. 113)
12. Quando conhece Alrica, Val declara que nunca teve nenhum amigo negro no Brasil porque estudava num colégio particular de classe média alta e “a grande maioria dos negros no Brasil é pobre”. (p. 124) E se espanta quando a jamaicana lhe diz que, nos ônibus dos Estados Unidos, “há alguns anos nós, negros, só podíamos sentar lá atrás”. (p. 145) Os dois relatos refletem formas de preconceito e discriminação diferentes em relação aos negros: a brasileira e a norte-americana. “Qual é essa diferença?” Discuta com os alunos formas de combater a discriminação. Não basta identificá-la; é preciso agir.
13. No capítulo “*Carpe diem*”, peça aos alunos que identifiquem o que Val gostaria de fazer antes de morrer. (p. 168-169) Também pergunte a eles de que maneira Lucas provou a Val que a vida é um milagre. (p. 173)
14. Na página 150, numa consulta médica, o doutor diz a Val: “– Sua imunidade está caindo muito rápido, se continuar desse jeito, você pode pegar uma doença oportunista a qualquer momento e aí seu organismo não terá forças para se recuperar, se você não ajudar com remédios. E aí pode, sim, pode até morrer em dois meses”. Val sai do consultório com essa incerteza (ou certeza da morte). Esse episódio do livro é bem parecido com o poema “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira (1886-1968), em que o poeta faz de sua doença, a tuberculose (para a qual na época não havia cura), o tema central. Também no poema, de caráter autobiográfico, Manuel Bandeira, após uma consulta, ouviu do médico que a medicina não poderia mais ajudá-lo, daí a ideia fixa de que iria morrer a qualquer momento. Vale ressaltar que Bandeira morreu aos 82 anos de idade! Leia o poema para a turma e relacione-o com o sentimento vivido pela personagem Val após sair do consultório. Esse poema faz parte do livro *Estrela da vida inteira*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 107.
15. Questione por que Val resolve voltar ao Brasil. “Qual era o sentimento dela com relação à pátria?” (p. 213) Como tema correlato, discuta a respeito da relação dela com os pais. (p. 71-72) Aproveite o momento e proponha aos alunos que reflitam como é a relação deles com os pais: “É uma relação de confiança?”. Aborde também a questão do *bullying*, tão presente hoje em dia, relacionando-o com o fato de muitos jovens não terem diálogo com os pais.

## Linguagem

1. A obra é uma espécie de diário, sendo, portanto, autobiográfica. O foco narrativo é em primeira pessoa, isto é, os fatos são relatados pela própria autora, Valéria Piassa Polizzi. Escrita por uma jovem que vivia no fim do século XX, de classe média alta, a obra apresenta linguagem coloquial tanto na fala de Val (discursos indireto e direto) quanto na fala das outras personagens (discurso direto), com gírias, palavrões, chavões e clichês da época. Pode-se citar, como exemplo, a seguinte passagem:



“Chegamos à pizzaria. Ele estacionou o carro.

– Peraí, Oliver. Você não pode parar aqui, não tá vendo a placa de proibido estacionar?

– Foda-se! – ele desceu, deu a volta e abriu minha porta”. (p. 128)

Explicita que o palavrão é uma manifestação linguística legítima, sobretudo na expressão oral dos jovens, e enfatize a “força” que um palavrão contextualizado tem em relação a outra palavra utilizada em seu lugar (eufemismo). Aqui, é preciso propor aos alunos o trabalho com a linguagem no sentido de perceberem o uso intencional do palavrão e sua força semântica.

**2.** Leia para os alunos o seguinte trecho:

“Cheguei à *cafeteria*. Lá estava minha chefe de setor, arrumando umas coisas no canto, fui até ela.

— Aconteceu alguma coisa? — ela me perguntou assim que me viu. Minha cara deveria estar ótima”. (p. 153)

Depois, pergunte aos alunos se encontram alguma figura de linguagem nesse trecho. Se não souberem responder, pergunte-lhes o que significa a última frase do texto. “De que figura de linguagem se trata? Como vocês a definiriam?” Trata-se de um comentário irônico, em que a narradora faz a si mesma referência ao péssimo aspecto que devia ter no momento.

- 3.** Na página 204, a narradora diz: “[...] A Helen ganhou num sorteio duas passagens de avião e estada num hotel para um fim de semana em São Francisco. Como lá ela tinha um amigo que havia cuidado de um primo que tinha morrido de Aids, ela me convidou para ir com ela. Ótima ideia, adoraria conversar com ele e conhecer a cidade, que aliás era tida como a capital da Aids”. Nesse trecho há uma cacofonia (“ela tinha”) e uma figura de linguagem conhecida como perífrase (São Francisco, “capital da Aids”). Converse com os alunos sobre vícios de linguagem – cacofonia (união não harmônica de diferentes sons), estrangeirismo (uso de palavras ou construções estrangeiras em textos vernáculos), galicismo (palavra ou construção tomada de empréstimo do francês, como “abajur”), barbarismo (uso de formas contrárias à norma culta, como “menas”), pleonasma (redundância de termos, como “subir para cima”) e perífrase (uso de maior quantidade de palavras para designar algo que poderia se expresso de forma mais sucinta, como: “Cidade Maravilhosa”, perífrase de Rio de Janeiro; e “Poeta dos Escravos”, perífrase do poeta Castro Alves).
- 4.** Muitos escritores de nossa literatura, sobretudo os modernistas da Geração de 1922 (basicamente aqueles que participaram da Semana de Arte Moderna), lutaram por uma “língua brasileira”, como se observa no poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade (*Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald Andrade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018).
- 5.** Na página 21, temos a seguinte fala: “– Olha, não some, tá?”. Pergunte aos alunos: “O que vocês acham dessa construção”; “Ela é usada em que contexto?”; “Seria adequada a um contexto formal?”. Explique-lhes que a expressão é adequada a um contexto coloquial, em que amigos conversam.

# Bate-papo e pesquisa

**Depois daquela viagem** é a primeira obra autobiográfica no Brasil que tem como tema a Aids. Várias celebridades brasileiras e mundiais se destacaram por enfrentar e “assumir” a doença publicamente, entre elas: a atriz Sandra Bréa (1952-2000); o cantor e compositor Cazuza (1958-1990); o também cantor e compositor Renato Russo (1960-1996); o ator norte-americano Rock Hudson (1925-1985); o cantor e compositor britânico Fred Mercury (1946-1991); e o astro do basquete norte-americano Magic Johnson (1959), que se afastou do esporte em razão da doença, mas depois voltou a jogar.

1. Professor, proponha aos alunos que pesquisem um pouco mais sobre essas personalidades e o modo como enfrentaram a doença. Sugira-lhes que também pesquisem instituições de apoio a soropositivos, como a Sociedade Viva Cazuza, disponível em: <[www.vivacazuza.org.br](http://www.vivacazuza.org.br)>. Acesso em: 26 abr. 2018.
2. Um dos capítulos da obra estudada intitula-se “*Carpe diem*”. Pergunte aos alunos se eles se lembram do significado dessa expressão latina. Explore com a turma o significado dessa expressão para a narradora no contexto da obra. Por último, peça-lhes que pesquisem poemas da literatura luso-brasileira cujo tema seja o *carpe diem* (expressão latina significando “colha o dia” ou “proveite o momento”, criada pelo poeta romano Horácio (65 a.C.-8 a.C.)). Veja um exemplo:

Uns, com os olhos postos no passado,  
Veem o que não veem; outros, fitos  
Os mesmos olhos no futuro, veem  
O que não pode ver-se.

Porque tão longe ir pôr o que está perto –  
A segurança nossa? Este é o dia,  
Esta é a hora, este o momento, isto  
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora  
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto  
Em que vivemos, morreremos. Colhe  
O dia, porque és ele.

PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa: Ática, 1946 (imp. 1994).  
Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/2695>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

Outros poetas também se valeram desse tema. Por exemplo: Gregório de Matos (Barroco brasileiro); Tomás Antônio Gonzaga e Basílio da Gama (Arcadismo brasileiro); Camilo Pessanha (Simbolismo português); Cecília Meireles (Modernismo brasileiro).

3. Leia para os alunos, em voz alta, o título do capítulo 12 (p. 195): “Minha terra tem hortênsias...” e pergunte se lhes soa familiar. Caso as respostas sejam negativas, apresente aos alunos a “Canção do exílio”, do poeta romântico Gonçalves Dias. Peça-lhes então que apontem o que ambas as estruturas têm em comum e que identifiquem o motivo pelo qual a narradora utilizou a intertextualidade para nomear o capítulo.

## Produção de texto

Sugira aos alunos um passo a passo para a produção do texto, incluindo uma revisão final. Peça-lhes que leiam os comentários a seguir, retirados do livro, e escolham um deles como mote, ou inspiração, para redigir um ensaio. O objetivo é desenvolver um texto em que, por meio de argumentos, concordem com a visão da autora ou discordem dela. Lembre-os de dar um título ao texto que produzirem.

1. “Aquele ano também era de vestibular, a coisa mais idiota que já inventaram nesse mundo. Não bastasse toda aquela baboseira que a gente precisava estudar, ou melhor, decorar, tínhamos que decidir aos dezessete anos o que faríamos com o resto das nossas vidas.” (p. 15)
2. “Infelizmente, alguns anos atrás, eu não sabia de nada disso [que a camisinha poderia evitar doenças sexualmente transmissíveis]. Faltavam informação, explicação e educação sexual, sobretudo nas escolas. E eu espero sinceramente que, a esta altura, as escolas já tenham se dado conta disso e, em vez de ficar só falando de problemas matemáticos, acentuação gráfica e ciclo da chuva, falem também um pouco de sexo com os alunos. Ou será que os adultos de hoje ainda continuam achando que isso é privilégio só deles?” (p. 104)
3. “– Acho que Ele [Deus] é um gordo, seminu, sentado lá em cima, com as pernas cruzadas, comendo pipoca, olhando aqui pra baixo e dando risada da cara da gente. [...] Muitas vezes acho isso mesmo. Noutras, nem sequer acredito que Ele existe. Acho que foi tudo uma invenção do homem devido à sua fraqueza e incapacidade de admitir que é o único responsável por sua própria vida. E o único a ocupar um espaço, muitas vezes vazio, de si mesmo. [...] Noutras ainda, entretanto, dá quase pra ter certeza [de] que Ele existe. Como nessa noite, sentada no alto de uma montanha sob o céu repleto de estrelas e a lua, de papel laminado.” (p. 179)

## Ampliando os conhecimentos

Professor, que tal ampliar os conhecimentos dos alunos aproveitando tudo o que foi lido?

1. Monte grupos de alunos e peça-lhes que criem um “Jornal da Saúde”: eles devem entrevistar, em postos de saúde, consultórios médicos ou hospitais, profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas), tendo como assunto central as DST (doenças sexualmente transmissíveis)

e os métodos de prevenção, a situação do Brasil com relação a essas doenças, as taxas de mortalidade, a qualidade de vida, etc., além de outras dicas de saúde.

2. Produza com os alunos um documentário sobre a Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis para ser apresentado a professores, diretores e funcionários da escola. Na página <[http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/\\_ed755\\_um\\_guiia\\_para\\_aprimorar\\_a\\_arte\\_da\\_entrevista/](http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed755_um_guiia_para_aprimorar_a_arte_da_entrevista/)> (acesso em: 2 maio 2018) há dicas interessantes para os alunos sobre como conduzir uma entrevista jornalística.
3. Proponha aos alunos que confeccionem painéis com informações sobre métodos preventivos das DST (doenças sexualmente transmissíveis) e exponha-os em locais estratégicos da escola. Os alunos devem prestar atenção à linguagem que será utilizada nesses painéis: além de ser clara e ter informações corretas, ela deve ser apropriada a uma situação em que se queira chamar a atenção das pessoas, para conscientizá-las. A concepção visual do texto deve corresponder aos mesmos objetivos: ser atraente e chamar a atenção dos leitores.
4. Monte com os alunos esquetes, isto é, pequenas apresentações, com no máximo dez minutos de duração cada. Por exemplo: o cenário de um consultório médico, com um médico explicando a um paciente informações sobre como se prevenir das DST (doenças sexualmente transmissíveis).

## Atividade interdisciplinar

Veja a sugestão de alguns assuntos que podem ser discutidos com a turma para a ampliação do tema aqui estudado:

1. A importância de propagandas e campanhas para a prevenção das DST (doenças sexualmente transmissíveis).
2. Aulas/palestras sobre educação sexual.
3. A importância do diálogo (em casa e na escola) sobre assuntos referentes a sexualidade, drogas, orientação sexual, etc.
4. O que está sendo feito no país para diminuir o índice de pessoas infectadas por doenças sexualmente transmissíveis.
5. A diversidade sexual no Brasil e no mundo.
6. O respeito e a tolerância às diferenças.
7. O preconceito (racial, sexual, social, religioso, etc.): “O Brasil é um país preconceituoso?”.
8. A ética dos médicos em relação aos pacientes, a ética dos juízes e do sistema penal, a ética na comunidade e a ética entre as pessoas.

Os dois trechos a seguir, retirados da obra, também permitem uma abordagem interdisciplinar.

1. “[...] E não entendia como é que os adultos conseguiam conviver com aquela história de vender força de trabalho, de mais-valia, do lucro, etc. Continuei não entendendo. Só que cresci, a União Soviética se dissolveu, o muro de Berlim caiu e meu namoro com Marx se acabou. E lá estava eu, mais uma vez, fazendo parte do sistema capitalista. Que coisa! Acho que é hora de os homens criarem algo melhorzinho.” (p. 149) Peça aos professores de História, Geografia, Sociologia e Filosofia que falem com os alunos sobre Karl Marx (1818-1883), socialismo, comunismo, ex-União Soviética, capitalismo, etc.
2. Na página 29 começa o capítulo intitulado “*Click! O tempo parou*”. Ouça com os alunos a música “O tempo não para”, de Cazusa, e faça uma relação entre ela e a vida de Val. Se achar apropriado, ouça também a música “Brasil”, do mesmo compositor, e comente com os alunos o que Val pensava a respeito do Brasil na época em que descobriu sua doença.

## Leia também

Como estamos falando em diário, veja aqui algumas sugestões de livros desse gênero para os alunos conhecerem:

- ***Eu sou Malala***, de Malala Yousafzai e Patricia McCormick. São Paulo: Seguinte, 2015.

Uma jovem comum, Malala Yousafzai gostava de acompanhar seus programas de TV preferidos, vivia brigando com os irmãos e adorava ir à escola. Mas em pouco tempo tudo mudaria. Ela tinha apenas 10 anos quando o Talibã tomou conta do vale do Swat, onde ela vivia com os pais e os irmãos. A partir desse dia, a música virou crime, as mulheres estavam proibidas de frequentar o mercado, as meninas não deveriam ir à escola, mas ela lutou com todas as forças por seu direito à educação. Nessa autobiografia, em que ela conta sua história inspiradora para outros jovens como ela, Malala mostra que todos podem mudar o mundo.

- ***Feliz ano velho***, de Marcelo Rubens Paiva. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2015.

Ao relatar o acidente que o deixou tetraplégico, Marcelo Rubens Paiva confere à narrativa a mesma energia com que transpôs a armadilha do destino. Aos 20 anos, ele sobe em uma pedra e mergulha numa lagoa imitando o Tio Patinhas. A lagoa é rasa, ele esmigalha uma vértebra e perde os movimentos do corpo. Escrito com sentido de urgência, o livro relata as mudanças irreversíveis na vida do jovem a partir do acidente. O texto expressa a irreverência e a determinação da juventude, mesmo na adversidade, e a compreensão precoce “de que o futuro é uma quantidade infinita de incertezas”.

- >
- ***Minha vida de menina***, de Helena Morley. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

Aclamado por escritores como Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa, *Minha vida de menina* é o diário de uma garota de província do final do século XIX. Publicado pela primeira vez em 1942, antecipa a voga das histórias do cotidiano e dos relatos confessionais de adolescentes ao traçar um retrato bem-humorado da vida em Diamantina entre 1893 e 1895.

- ***Quarto de despejo***, de Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Ática, 2018.

O diário da catadora de papel Carolina Maria de Jesus deu origem a este livro, que relata o cotidiano triste e cruel da vida na favela. A linguagem simples, mas contundente, comove o leitor pelo realismo e pelo olhar sensível na hora de contar o que viu, viveu e sentiu nos anos em que morou na comunidade do Canindé, em São Paulo, com três filhos.

- ***O diário de Anne Frank***, de Otto H. Frank (Org.). Rio de Janeiro: Record, 2013.

O depoimento da pequena Anne Frank, morta pelos nazistas após passar anos escondida no sótão de uma casa em Amsterdã, ainda hoje emociona leitores no mundo inteiro. Seu diário narra os sentimentos, os medos e as pequenas alegrias de uma menina judia que, como sua família, lutou em vão para sobreviver ao Holocausto. Lançado em 1947, *O diário de Anne Frank* tornou-se um dos livros mais lidos do mundo.

- ***O diário de Zlata***: a vida de uma menina na guerra, de Zlata Filipovic. São Paulo: Seguinte, 1994.

Zlata tem 11 anos e vive em Sarajevo. Mantém um diário, no qual vai registrando seu cotidiano. Mas a guerra eclode na ex-Iugoslávia e irrompe no diário da menina. As preocupações do dia a dia desaparecem diante do medo, da raiva, da perplexidade.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião 1*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

\_\_\_\_\_. *Primeiro caderno do aluno de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 107.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa: Ática, 1946 (imp. 1994).

PORVIR. Disponível em: <<http://porvir.org/entenda-10-competencias-gerais-orientam-base-nacional-comum-curricular/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

SÁ, Márcia Souto Maior Mourão; VALLE, Bertha de Borja Reis do; DELOU, Cristina Maria Carvalho et al. *Introdução à Psicopedagogia*. Curitiba: Iesde Brasil S.A., 2008.